

*RESENHA/  
REVIEW*

## A DEUSA RESTAURADA: SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE AFRODITE NOS VERSOS DE SAFO DE LESBOS (VII-VI A.C.)

Luiz Carlos André Mangia SILVA<sup>1</sup>

RAGUSA, G. **Fragmentos de uma deusa**: a representação de Afrodite na lírica de Safo. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005. 448p.

O trabalho de Giuliana Ragusa, recentemente publicado pela Editora da UNICAMP, é digno de variados elogios. Destaque-se, primeiramente, o fato de se tratar de resultados de uma dissertação de mestrado, desenvolvida nos curtos prazos atuais. Ao longo de mais de quatrocentas páginas, a Autora empreende uma minuciosa análise acerca do tema que é o foco de seu interesse: os 14 fragmentos da lírica de Safo, em que a deusa Afrodite comparece. E nunca perde o fôlego, dedicando a mesma atenção à análise e discussão de cada poema, todos eles acompanhados de tradução. A Bibliografia que embasa as discussões do livro é absolutamente seleta, figurando nela as principais obras e os mais recentes estudos em língua inglesa, francesa e italiana acerca do tema Safo-Afrodite-Lírica arcaica.

A Lírica arcaica é um dos setores da Literatura grega em que o trabalho se mostra mais árduo. Quase tudo que possuímos é fragmentário: as obras de poetas como Íbico, Estesícoro, Alceu e Anacreonte, para citarmos alguns, não passam de um conjunto de fragmentos. De Safo, restou-nos apenas um poema íntegro (com só um início de verso corrompido): trata-se da famosa “Ode a Afrodite”; salvo essa exceção, todos os outros poemas são fragmentários. Assim, o estudo da Lírica arcaica é um estudo mais de ausências do que de presenças – e daí decorre o risco sempre grande de se desenvolverem visões demasiado especulativas, como mostra a Autora.

Segundo os alexandrinos, havia nove livros de poemas de Safo na famosa Biblioteca – dos quais apenas duas centenas de fragmentos sobreviveram. Desses, apenas uma vintena constitui verdadeiro documento literário; os outros – a maioria –, de tão danificados, são muitas vezes ilegíveis, apresentando, quando muito, um ou outro verso completo. Tais poemas nos chegaram de duas fontes principais: ou por meio da obra de comentadores antigos – chamada fonte indireta, como é o

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP – Doutorando em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – lcmangia@lycos.com

caso da “Ode a Afrodite” –, ou por meio, sobretudo, de papiros – fonte direta –, descobertos em abundância apenas a partir de fins do século XIX, no Egito. Vê-se, pois, que a amostragem que possuímos da obra de Safo é bastante ínfima – mas, como mostrará a Autora, no caso da representação de Afrodite, trata-se de material suficiente para se esboçar uma visão integradora, ainda que parcial, do universo de atuação da deusa.

Na primeira parte do livro, a Autora fala de Lírica arcaica, Safo e seu contexto. Acerca da Lírica arcaica, apresenta os principais estudos sobre o tema, inúmeras vezes divergentes. Com muita prudência, ela apenas prefere munir o leitor do máximo de informações disponíveis até o estágio atual dos estudos, descartando assim toda especulação infundada. A Autora mostra, por exemplo, que essa poesia mantinha profundas relações com a oralidade (ela chama certos poemas de Safo de “canções”), que um poeta lírico não compunha apenas poesia monódica, mas também coral, e a poetisa de Lesbos compôs ambas as modalidades.

Um dos equívocos mais comuns nos estudos da lírica de Safo é identificar a pessoa da poetisa com o Eu lírico dos poemas. Assim, quase tudo que se afirma sobre a vida de Safo provém de sua lírica, ao passo que seus poemas são apenas entendidos como um espaço de expressão de seus sentimentos pessoais. Mas a Autora desfaz o equívoco: o Eu lírico sáfico está mais próximo do conceito moderno de *persona* do que do Eu poético sincero dos românticos. Recusando, pois, a admitir o biografismo para o estudo dos poemas, a Autora os tratará sempre como objeto LITERÁRIO, desenvolvendo, a partir desse critério, uma rica análise dos expedientes artísticos que operam em sua linguagem poética.

Ao falar de Lesbos, ilha de Safo, e de Chipre, principal ilha relacionada ao culto de Afrodite (donde seus epítetos “Cípris” e “Ciprogenia”), embora se apegue em pontual bibliografia sobre o tema, a Autora deixa evidente apenas a escassez de informações seguras. Mostra, no entanto, que há provas de antigos contatos de ambas as ilhas com o Oriente, sendo Chipre uma das principais passagens da cultura oriental para o Ocidente; Lesbos, por sua vez, que ficava próxima da Lídia e da Trôade, na Ásia Menor, com quem mantinha estreitas relações na época arcaica, desempenhou papel semelhante. Mostra ainda a antiguidade do culto de Afrodite em Chipre, bem como sua relação com as deusas orientais Astarte-Ishtar. A Autora não deixa de refletir sobre a condição da mulher na Grécia desse período, mostrando, também nesse setor, que pouco se sabe ou se pode afirmar com segurança. Quanto à vida de Safo, as considerações a respeito de sua escola para jovens meninas em idade casadoira ou as afirmações de que ela desempenhava a função de sacerdotisa de Afrodite – tudo isso, conforme pensa a Autora, deve ser relativizado, por falta de fontes seguras.

Na segunda parte do livro, inicia-se o percurso analítico dos poemas: com base nos 14 fragmentos, a análise justifica, um a um, todos os atributos da deusa

presentes nos versos sáficos, ao percorrer a geografia mítico-religiosa e poética da deusa na Literatura grega arcaica. Dando voz a uma gama de autores antigos e modernos e baseando-se sobretudo nas fontes literárias anteriores a Safo – a *Ilíada* e a *Odisséia*, de Homero; os *Hinos Homéricos* a Afrodite; a *Teogonia* e *Os trabalhos e os Dias*, de Hesíodo –, a Autora deita ao chão todos os comentários ociosos sobre a representação da deusa na poesia sáfica. Sua prudência lhe confere conquistas que, se por um lado são pouco numerosas, decorrentes da carência de informações seguras sobre o tema, de outro, são sólidas e coerentes. Assim, por exemplo, sua análise sobre a pertinência de, no fragmento 2 (edição de Voigt), interpretar-se o nome da ilha de Creta no segundo verso, por se tratar, como ela mostra, de um *locus* privilegiado da deusa. Evidenciando, dessa maneira, a forte relação de Afrodite com Chipre, Citera (donde “Citéria”) e também Creta, salta aos olhos o caráter insular da deusa, relacionada, pois, com o mar, com os ventos.

Um ponto capital do trabalho é, naturalmente, a análise da “Ode a Afrodite” (1 V): a Autora mostra como se deve preferir a interpretação que entende o poema como uma prece, mas uma prece LITERÁRIA: trata-se de um hino clético (tal como fragmento 2 V), ou seja, uma invocação para que um deus parta de um certo lugar e venha ter com quem o chama. Destaque-se a interpretação do adjetivo *poikilóthron* como “flóreo manto furta-cor”: considerado como invenção sáfica, muitas traduções lêem *-thron* como “trono”. A Autora mostra, com base na *Ilíada* (XXII, v. 441), onde se pode ver uma virtual origem para o termo, que o sentido de “manto” se adequa mais à esfera da feminilidade da deusa; “trono”, ao contrário, refere-se especialmente ao campo masculino dos epítetos divinos.

Quanto à questão da homossexualidade feminina que, segundo muitos, expressa-se nos poemas de Safo (grande parte da tradição ocidental interpretou os fragmentos dessa maneira), a Autora desabona a leitura dos textos por esse viés, mostrando que o máximo que se pode afirmar, com sólida base nos poemas, é a existência de um ambiente fortemente marcado pelo erotismo entre mulheres. Contudo, nada embasa qualquer interpretação acerca do tipo de laços que se estreitavam entre as *personae* representadas nos versos sáficos.

Enfim, o livro *Fragmentos de Uma Deusa*, de Giuliana Ragusa, mostra, suficientemente, quantos equívocos foram cometidos no estudo da lírica de Safo. A investigação sistemática das fontes, em busca de visões mais fundamentadas, além de uma preciosa interpretação dos poemas que representam a deusa Afrodite – eis alguns dos objetivos plenamente atingidos por seu trabalho, merecedor do prêmio Jabuti de Teoria Literária de 2006.

A Autora é Professora da área de Letras Clássicas da Universidade de São Paulo (USP) e desenvolve, atualmente, sua pesquisa de doutorado em torno da representação de Afrodite em outros nove poetas líricos arcaicos, obra que deve ser aguardada com grandes expectativas.